

Cantos do Tempo Comum

– Ano C –



Paróquia Sagrado Coração de Jesus
– Diocese de Limeira –
Conchal

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM

01. Refrão Orante

Louvemos todos juntos louvemos ao Senhor (2x)

02. Refrão Orante

Confiemo-nos ao Senhor, Ele é Justo e tão Bondoso. Confiemo-nos ao Senhor, Aleluia !

03. Refrão Orante

Bendito seja Deus ele escuta minha voz. O Senhor é minha força confia meu coração! (Bis)

04. Procissão de Entrada

1. Todos reunidos na casa de Deus, com Cantos de alegria e grande louvor. Vamos celebrar os feitos do Senhor, E Sua bondade, que nunca tem fim.

Vamos celebrar, Deus está aqui! Vamos celebrar, Deus está aqui! No meio de nós. (2x) Ele está presente aqui.

2. Quando estamos juntos, unidos a Ti, Para elevar a nossa oração. Um canto de alegria surge entre nós, Em adoração ao Seu eterno amor.

05. Procissão de Entrada

Alegres, vamos à casa do Pai, E na alegria, cantar Seu louvor, Em Sua casa, somos felizes, Participamos da ceia do amor

1. A alegria nos vem do Senhor, Seu amor nos conduz pela mão, Ele é luz que ilumina o seu povo, com segurança lhe dá a salvação.

2. O Senhor nos concede os Seus bens, Nos convida à Sua mesa sentar. E partilha conosco o seu pão, Somos irmãos ao redor deste altar.

06. Procissão de Entrada

1. Ó Senhor, nós estamos aqui, junto à mesa da celebração, simplesmente atraídos por vós, desejamos formar comunhão!

Igualdade, fraternidade, nesta mesa nos ensinais, As lições que melhor educam, na eucaristia é que nos dais!(bis)

2. Este encontro convosco, Senhor, incentiva a justiça e a paz; nos inquieta e convida a sentir os apelos que o pobre nos faz.

07. Procissão das Oferendas

De mãos estendidas, ofertamos o que de graça recebemos.

1. A natureza tão bela, que é louvor que é serviço. O sol que ilumina as trevas, transformando-as em luz. O dia que nos traz o pão, e a noite que nos dá repouso, ofertamos ao Senhor o louvor da criação.

2. Nossa vida toda inteira, ofertamos ao Senhor, como prova de amizade, como prova de amor. Com o vinho e com o pão, ofertamos ao Senhor, nossa vida toda inteira, o louvor da criação.

08. Procissão das Oferendas

1. Bendito e louvado seja, o Pai nosso criador, o pão que nós recebemos é prova do seu amor. O pão que nós recebemos é prova do seu amor, é o fruto de sua terra, do povo trabalhador. É o fruto de sua terra, do povo trabalhador, na mesa é transformado no corpo do Salvador.

Bendito seja Deus, bendito seu amor, bendito seja Deus Pai onipotente nosso Criador. (Bis)

2. Bendito e louvado seja, o Pai nosso criador, o vinho que recebemos é prova do seu amor. O vinho que recebemos é prova do seu amor, é o fruto de sua terra, do povo trabalhador. É o fruto de sua terra, do povo trabalhador, na missa é transformado no sangue do Salvador.

09. Procissão das Oferendas

1. A mesa santa que preparamos, mãos que se elevam a Ti, ó Senhor. O pão e o vinho, frutos da terra, duro trabalho, carinho e amor: Ô, ô, ô, recebe Senhor! Ô, ô, recebe Senhor.

2. Flores espinhos, dor e alegria, pais, mães e filhos diante do altar. A nossa oferta em nossa festa, a nossa dor vem, Senhor, transformar: Ô, ô, ô, recebe Senhor! Ô, ô, ô, recebe Senhor.

3. A vida nova, nova família, que celebramos aqui tem lugar. Tua bondade vem com fartura, é só saber, reunir, partilhar: Ô, ô, ô, recebe Senhor! Ô, ô, ô, recebe Senhor.

10. Procissão das Oferendas

1. As mesmas mãos que plantaram a semente aqui estão, o mesmo pão que a mulher preparou aqui está, o vinho novo que a uva sangrou jorrará no nosso altar!

A liberdade haverá, a igualdade haverá, e nesta festa onde a gente é irmão, o Deus da vida se faz comunhão. (Bis)

2. Na flor do altar o sonho da paz mundial, a luz acesa e fé que palpita hoje em nós, do livro aberto o amor se derrama total no nosso altar!

3. Benditos sejam os frutos da terra de Deus, benditos sejam o trabalho e a nossa união, bendito seja Jesus que conosco estará além do altar!

11. Procissão das Oferendas

1. Pão e vinho te apresentamos nesse altar, Como sinal que tu recolhes nossa oferta, Tudo o que somos deixamos aqui. (2x).

É um milagre que se dá, O pão e o vinho em corpo e sangue, Vão se transformar.

Não há limites para o amor, Vem transformar também minha vida, Oh senhor, é teu esse milagre de amor.

12. Procissão de Comunhão

1. O Pão do Céu está aqui entre nós, É o Cordeiro de Deus. Amor maior não há em, nenhum lugar, Que o sacrifício deste altar.

Anjos cantando entre nós, O Céu e a Terra são um só coração, Nesta Santa Comunhão. Jesus

visitando a imperfeição, O homem que encontra redenção, tudo aqui. Nesta Santa Comunhão

2. O dom do Pai, está aqui entre nós, Neste Vinho e neste Pão, Oh, luz maior, se acende em nós, comunhão, É pra nós a salvação.

13. Procissão de Comunhão

1.Tu te abeiraste na praia, Não buscaste nem sábios nem ricos, Somente queres que eu te siga!

Senhor, tu me olhaste nos olhos. A sorrir, pronunciastes meu Nome. Lá na praia, eu larguei o meu barco, Junto a Ti buscarei outro mar.

2.Tu sabes bem que em meu barco, Eu não tenho nem ouro nem espadas. Somente redes e o meu trabalho.

3.Tu, minhas mãos solicita, Meu cansaço que a outros descance. Amor que almeja seguir amando

4.Tu, pescador de outros lagos, Ânsia eterna de almas que esperam. Bondoso amigo que assim me chamas.

14. Procissão da Comunhão

1. Na comunhão, Jesus se dá no pão, o cordeiro imolado é refeição. Nosso alimento de amor e salvação, em torno deste altar somos irmãos.

O pão da vida és tu Jesus, o pão do céu. O caminho, a verdade, via de amor dom de Deus, nosso redentor. (bis).

2. Toma e come, isto é o meu corpo que do trigo se faz pão, é refeição. Na Eucaristia, o vinho se torna sangue verdadeira bebida, nossa alegria.

15. Procissão de Comunhão

Mais uma vez, venho oferecer,
Meu coração, pra que venhas habitar
Sei meu senhor, digno não sou
De receber-te, dentro de mim.

Adorar, teu santo corpo em mim, Adorar, teu santo sangue em mim, Adorar, divino esposo, Adorar (Bis)

Um amor maior que toda imperfeição

Que se faz vivo no partir do pão

Maravilhado estou, nesta comunhão

Doce hóspede da alma, resta-me te adorar

Adorar, teu santo corpo em mim, Adorar, teu santo sangue em mim, Adorar, divino esposo, Adorar (Bis)

Já não sou mais eu, que vivo, Mas tú, que vives em mim.

16. Pós Comunhão

1. Senhor, meu Deus, quando eu, maravilhado, Os grandes feitos vejo da tua mão. Estrelas, mundos, e trovões rolando. A proclamar teu nome na amplidão.

Então minha alma canta a ti, Senhor. Grandioso és tu, grandioso és tu!

2. Ao caminhar por bosques e florestas, Ouvindo à brisa pássaros cantar. Ou vendo além montanhas altaneiras, O teu poder e glórias proclamar.

17. Pós Comunhão

Só por Ti, Jesus, quero me consumir, Como vela que queima no altar, me consumir de amor.

Só em Ti, Jesus, quero me derramar, Como o rio se entrega ao mar, me derramar de amor.

Pois Tu és o meu amparo, o meu refúgio, és alegria de minh'alma. Só em Ti repousa a minha esperança, não vacilarei, e mesmo na dor, quero seguir até o fim. Só por Ti, Jesus.

18. Final – Canto Jubileu da Esperança

Chama viva da minha esperança, este canto suba para Ti! Seio eterno de infinita vida, no caminho eu confio em Ti!

1. Toda a língua, povo e nação tua luz encontra na Palavra. Os teus filhos, frágeis e dispersos se reúnem no teu Filho amado.

2. Deus nos olha, terno e paciente: nasce a aurora de um futuro novo. Novos Céus, Terra feita nova: passa os muros, Espírito de vida.

3. Ergue os olhos, move-te com o vento, não te atrases: chega Deus, no tempo. Jesus Cristo por ti se fez Homem: aos milhares seguem o Caminho.

19. Final

1. Fico feliz em vir em tua casa, erguer minha voz e cantar. Fico feliz em vir em tua casa, erguer minhas mãos e adorar (bis).

Bendito é o nome do Senhor, Bendito é o nome do Senhor, Bendito é o nome do Senhor, pra sempre (bis).

20. Final

1. Maria de Nazaré, Maria me cativou. Fez mais forte a minha fé, e por filho me adotou. Às vezes eu paro e fico a pensar. E sem perceber me vejo a rezar, E meu coração se põe a cantar. Para a virgem de Nazaré. Menina que Deus amou e escolheu. Pra mãe de Jesus o filho de Deus. Maria que o povo inteiro elegeu. Senhora e mãe do céu.

Ave Maria, Ave Maria, Mãe de Jesus

2. Maria que eu quero bem, Maria do puro amor. Igual a você ninguém Mãe pura do meu Senhor. Em cada mulher que a terra criou. Um traço de Deus Maria deixou. Um sonho de mãe Maria, plantou, Pro mundo encontrar a paz. Maria que fez o Cristo falar, Maria que fez Jesus caminhar, Maria que só viveu pra seu Deus, Maria do povo meu.



Jubileus na história

Entre os antigos ebreus, o Jubileu (chamado de ano do yōbēl, "da cabra", porque a festa foi anunciada pelo som de um corno de cabra) foi um ano declarado santo. Neste período, a lei de Moisés prescrevia que a terra, da qual Deus era o único dono, regressasse ao antigo proprietário e os escravos readquirissem a liberdade. Geralmente ocorria a cada 50 anos.

Na era cristã, após o primeiro Jubileu em 1300, o intervalo de tempo para a recorrência da celebração do Jubileu foi estabelecido por Bonifácio VIII para cada 100 anos. Após uma petição dos romanos feita ao Papa Clemente VI (1342), o período foi reduzido para 50 anos.

Em 1389, em memória do número de anos de vida de Cristo, Urbano VI quis estabelecer o ciclo jubileu para cada 33 anos e induziu um Jubileu para 1390 que, no entanto, foi celebrado, após sua morte, por Bonifácio IX.

No entanto, em 1400, no final dos cinquenta anos anteriormente fixados, Bonifácio IX confirmou o perdão aos peregrinos que tinham peregrinado até Roma.

Martino V celebrou em 1425 um novo Giubileu, abrindo, pela primeira vez, a Porta Santa em São João de Latrão.

O último a celebrar um Jubileu de cinquenta anos foi o Papa Nicolau V em 1450. De facto, Paulo II determinou período interjubilário para 25 anos e em 1475 um novo Ano Santo foi celebrado por Sisto IV. Desde então, os Jubileus ordinários celebraram-se com periodicidade constante. Infelizmente, as Guerras Napoleónicas impediram as celebrações dos Jubileus de 1800 e de 1850.

Retomaram com o Jubileu de 1875, após a anexação de Roma ao Reino da Itália, que foi celebrada sem a solenidade tradicional.

- 2015
- 2000
- 1983
- 1975
- 1950
- 1933
- 1925
- 1900
- 1875
- 1825
- 1775
- 1750
- 1725
- 1700
- 1675
- 1650
- 1625
- 1600
- 1575
- 1550
- 1525
- 1500
- 1475
- 1450
- 1390
- 1350
- 1300



2015: Francisco

Com a bula *Misericordiae Vultus* de 11 de abril de 2015, o Papa Francisco declarou um Jubileu para o 50º aniversário do fim do Concílio Vaticano II. O Jubileu foi dedicado à misericórdia. Antes da abertura oficial, como sinal da proximidade da Igreja com a República Centro-Africana, atingida pela guerra civil, o Papa Francisco, em 29 de novembro, abriu a Porta Santa da Catedral de Notre-Dame em Bangui, por ocasião da sua viagem apostólica à África, antecipando o início do Jubileu Extraordinário. A Porta Santa da Basílica de São Pedro, no Vaticano, foi inaugurada em 8 de dezembro de 2015, na festa da Imaculada Conceição. Foi a primeira vez que a "porta da misericórdia" foi aberta nas catedrais do mundo, em santuários, hospitais e prisões. O Papa instituiu para a ocasião os Missionários da Misericórdia a quem confiou a faculdade de perdoar os pecados reservados ao Santo Padre.



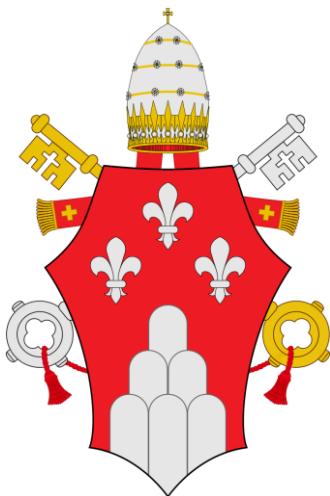
2000: João Paulo II

O Papa, em 29 de março de 1998, com a bula *Incarnationis Mysterium*, proclamou o Grande Jubileu do Ano 2000. Ao longo do ano João Paulo II fez várias peregrinações e gestos simbólicos não previstos pelas práticas habituais das celebrações, incluindo o pedido de perdão pelos pecados cometidos na história e o Martirológio dos cristãos mortos no século XX. Um dos principais eventos do Jubileu foi a realização da Jornada Mundial da Juventude em Roma: mais de dois milhões de jovens participaram. O Papa também fez uma peregrinação à Terra Santa, incentivando o diálogo entre a Igreja Católica, o Islamismo e o Ebraísmo.



1983: João Paulo II

Com a bula *Aperite Portas Redentor*, de 6 de janeiro de 1983, João Paulo II anunciou o Jubileu, para celebrar o 1950º aniversário da morte e ressurreição de Jesus.



1975: Paulo VI

O Papa **Paulo VI** decidiu que o Ano Santo deveria ser dedicado à reconciliação. Proclamou-o com a bula *Apostolorum Limina* de 23 de maio de 1974. Na abertura da Porta Santa na véspera de Natal de 1974, monges budistas também estavam presentes. Foi o primeiro Jubileu a ser transmitido mundialmente, e viu a celebração do fim das excomunhões com a Igreja de Bizâncio e a participação do Patriarca de Alexandria Melitone. Naquele ano, Roma foi ameaçada pela seca e, para lidar com isso, tendo em vista o grande fluxo de peregrinos na cidade, foi imposto um racionamento de água.



1950: Pio XII

Em 26 de março de 1949, com a bula *Jubilaeum Maximum*, foi proclamado o Ano Santo de 1950. Por ocasião das celebrações para o Jubileu, **Pio XII** proclamou o dogma da Assunção da Virgem Maria ao céu e transformou o Colégio de Cardeais numa espécie de representação universal do mundo católico, reduzindo drasticamente a presença italiana e aumentando o número de cardeais de várias nações. Neste ano, o turismo religioso em massa tomou corpo. O governo de De Gasperi organizou-se para garantir o acolhimento de milhões de peregrinos, aos quais foi entregue um "Cartão de Peregrino" que em território italiano tinha a validade de um passaporte.



1933: Pio XI

A 6 de janeiro de 1933, com a bula *Quod Nuper*, proclamou um Jubileu extraordinário, por ocasião do 1900º aniversário da morte de Jesus. O evento foi celebrado com grandeza particular. O Papa fez 620 discursos e mais de 2 milhões de peregrinos entraram em Roma. Mais de 500 vagões ferroviários foram usados para transportar fiéis de todo o mundo.



1925: Pio XI

O **Papa Pio XI**, evidenciando o empenho da Igreja e de todos os cristãos por uma sociedade melhor, proclama o Jubileu de 1925, com a bula *Infinita Dei Misericordia* de 29 de maio de 1924, dando o impulso para o lançamento de missões em todo o mundo, o que lhe valeu o título de “Papa das Missões”. O Papa proibiu os símbolos políticos no Vaticano e, no entanto, foi o primeiro a abençoar o estado italiano unido.



1900: Leão XIII

Properante ad Exitum Saeculo foi a bula com o qual em 11 de maio de 1899 **Leão XIII** proclamou o Ano Santo universal para 1900. Pela primeira vez desde a Unificação da Itália, o Rei anunciou o Jubileu no “Discurso da Coroa”. O Papa enviou um apelo para o despertar da fé no povo cristão em todo o mundo. A intenção principal era superar o desafio da modernização da vida cristã e da cristianização da vida moderna. A organização do acolhimento foi, pela primeira vez, atuada pelas autoridades italianas. Para celebrar o Ano Santo, foram edificados monumentos nas montanhas de todo o país para homenagear o Redentor, do Piemonte à Sicília.



1875: Pio IX

Voltando do exílio e retomando o governo do estado, **Pio IX** pôde proclamar o Jubileu a 24 de dezembro de 1874 com a bula *Gravibus Ecclesiae*. O Ano Jubilar, contudo, não teve as cerimónias de abertura e de encerramento da Porta Santa, devido à ocupação de Roma por parte das tropas de Victor Emmanuel II.



1825: Leão XII

Durante o Jubileu de 1825, proclamado em 24 de maio de 1824 com a bula *Quod Hoc Ineunte*, **Leão XII** fez o seu melhor, apesar da sua doença, para estabelecer uma ligação mais próxima entre o Papa e o povo cristão, através de um programa que visava envolver todas as forças da Igreja na luta contra os erros que ameaçavam a fé. Mais de 325.000 peregrinos de toda a Europa se reuniram em Roma. Finalmente, dada a indisponibilidade da basílica de São Paulo fora dos muros, destruída pelo incêndio precedente de 1823, o Papa substituiu-a pela basílica menor de Santa Maria em Trastevere, para as visitas habituais dos fiéis.



1775: proclamado por Clemente XIV, presidido por Pio VI

Este Jubileu foi proclamado em 30 de abril de 1774, com a bula *Salutis Nostrae Auctor*, pelo Papa **Clemente XIV**, mas infelizmente em 22 de setembro do mesmo ano, morreu de causas naturais.



Pio VI foi eleito Papa a 15 de fevereiro de 1775 e, poucos dias depois, em 26 de fevereiro, inaugurou solenemente o Ano Santo que não podido iniciar-se, como habitualmente, na véspera de Natal, uma vez que a sede pontifícia estava vacante.



1750: Bento XIV

Em 5 de março de 1749, foi proclamado o Ano Santo de 1750, com a bula *Peregrinantes a Domino*. Pelas crónicas da época, narra-se que mais de um milhão de peregrinos viajaram até Roma, incluindo várias embaixadas, um grupo das Antilhas, Egito e Arménia. A participação foi tão alta que as instituições de caridade e hospitalares romanas foram forçadas a alugar alguns palácios principescos. Pela primeira vez, a Cúpula de São Pedro e a Colunata de Bernini foram iluminadas por milhares de tochas. Três mil cruzes foram colocadas em toda a cidade. O Papa **Bento XIV** também instituiu a procissão da Sexta-Feira Santa, a *Via Crucis* no Coliseu, consagrando o anfiteatro como um lugar emblemático do martírio dos primeiros cristãos.



1725: Bento XIII

Durante o Ano Santo de 1725, proclamado com a bula *Redentor et Dominus Noster* de 26 de junho de 1725, o papa **Bento XIII** visitava regularmente as basílicas viajando em carroagens modestas e participando nas práticas de indulgência. A 15 de abril de 1725, ele inaugurou em São João de Latão o Sínodo Romano, cujas deliberações foram reunidas em 32 capítulos. Durante este ano, foi também aberta a escada da Piazza di Spagna, para ligar a praça à igreja da Santissima Trinità dei Monti.



1700: proclamado por Inocêncio XII, concluído por Clemente XI

Este Jubileu foi proclamado por **Inocêncio XII** a 18 de maio de 1699, com a bula *Regi Saeculorum*. Na abertura, o Papa, devido às suas precárias condições de saúde, não pôde presidir pessoalmente. No Dia da Páscoa daquele ano, no entanto, apesar de estar gravemente doente, devido ao grande número de peregrinos, concedeu a bênção solene da varanda do Quirinale. Morreu pouco depois, sem poder terminar o ano a 27 de setembro de 1700.



O encerramento contou com a presença de **Clemente XI** (eleito Papa em novembro). Foi a primeira vez que a Porta Santa é aberta por um Papa e fechada por outro. O fluxo de peregrinos na cidade foi tal que alguns escritores da época compararam Roma a Paris.



1675: Clemente X

Durante o Ano Santo, proclamado por **Clemente X** com a bula *Ad Apostolicae Vociis Oraculum* de 16 de abril de 1674, o Coliseu foi reconsagrado, retirando a permissão de 1671 para ali realizar touradas. Protagonista entre os peregrinos foi a Rainha Cristina da Suécia, que em 1655, abdicando ao trono, tinha-se convertido ao catolicismo e mudado para Roma, no Palazzo Farnese. Cerca de um milhão e meio de peregrinos vieram a Roma.



1650: Inocêncio X

Por ocasião deste Ano Santo, proclamado com a bula *Appropinquat Dilectissimi Filii* de 4 de maio de 1649, **Inocêncio X** fez restaurar a basílica de São João de Latrão, graças à colaboração do famoso arquiteto Borromini. Uma novidade foi introduzida para este Jubileu: a indulgência jubilar foi estendida às províncias belgas e às Índias Ocidentais, graças à bula *Salvator et Dominus* de 8 e 12 de janeiro de 1654. Cerca de 700.000 peregrinos chegaram a Roma, principalmente dos territórios próximos a Roma; vários protestantes também se converteram ao catolicismo.



1625: Urbano VIII

Em 29 de abril de 1624, com a bula *Omnes Gentes*, **Urbano VIII** proclamou o Jubileu para 1625. A 28 de janeiro de 1625, concedeu a indulgência jubilar mesmo àqueles que não tinham oportunidade de ir a Roma e concedeu-a também aos prisioneiros e aos doentes (bula papal *sollicitudo*). Em 30 de janeiro com o breve *Paterna dominici gregis cura*, dado o perigo da peste que estava a chegar a Roma, substituiu-se a visita à basílica de São Paulo pela de Santa Maria em Trastevere e pela visita às sete Igrejas; deu-se ainda a possibilidade de visitar as igrejas de Santa Maria del Popolo e San Lorenzo em Lucina em vez daquelas fora dos muros (São Sebastião e São Lourenço). Cerca de meio milhão de peregrinos chegaram a Roma naquele ano.



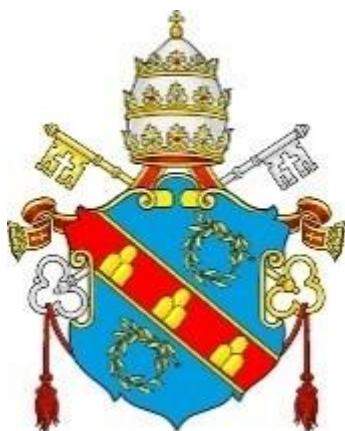
1600: Clemente VIII

O Ano Santo foi proclamado com a bula de 19 de maio de 1599, *Annus Domini Placabilis*. Durante este Jubileu, **Clemente VIII** deu um bom exemplo público ao ouvir confissões durante a Semana Santa, subindo a Escada Santa de joelhos, servindo peregrinos à mesa, comendo todos os dias com doze pessoas pobres, enquanto os cardeais renunciaram a vestir-se de vermelho, como sinal de penitência. Muitas pessoas acorreram para ajudar a ação jubilar do Papa. Os judeus romanos, por exemplo, entregaram-lhe 500 cobertores para os peregrinos. A 31 de dezembro de 1600 mais de 80.000 pessoas participaram na abertura da Porta Santa e milhões de peregrinos chegaram a Roma naquele ano.



1575: Gregório XIII

O Jubileu de 1575 – proclamado a 10 de maio de 1574 com a bula *Dominus ac Redentor* – celebrado após a tempestade da crise protestante, foi uma excelente oportunidade para **Gregório XIII**, para renovar a catolicidade na linha das decisões do Concílio de Trento. Este Ano Santo deu ao Papa a oportunidade de mostrar o novo papel da Igreja no mundo moderno. O modelo de vida devota da Igreja faz coincidir o serviço de Deus com o cumprimento dos deveres do próprio estado e o serviço do próximo. Naquele ano, ele aboliu os gastos para as comemorações do carnaval, destinando tudo ao Hospital dos Peregrinos, sob a tutela de Filipe Neri. A afluência geral dos peregrinos para o Ano Santo de 1575 é calculado pelas fontes do tempo em 400.000 pessoas, enquanto Roma tinha então cerca de 80.000 habitantes.



1550: proclamado por Paulo III, presidido por Júlio III

Poucos dias após sua eleição, o papa **Júlio III** abriu o Ano Santo promulgado pelo seu antecessor Paulo III, com a emissão da bula *Si pastores ovium*, de 24 de fevereiro de 1550. Ele também anunciou a retomada do Concílio de Trento para o mês de maio do ano seguinte.



1525: Clemente VII

A bula de proclamação, *Inter Sollicitudines*, emitida por **Clemente VII**, foi publicada a 17 de dezembro de 1524.



1500: Alexandre VI

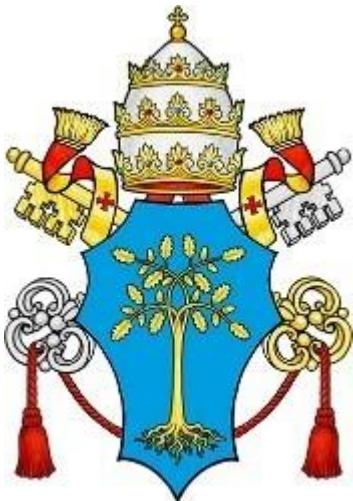
A celebração jubilar de 1500 exigia uma intenção particular, especialmente para a passagem significativa de século. A 12 de abril de 1498, a bula *Consueverunt Romani Pontifices*, suspendia para aquele ano todas as indulgências adicionais, e foi confirmado pela bula *Inter multiplices* de 28 de março de 1499. A bula de 20 de dezembro de 1499, *Pastores Aeterni Qui* estabelecia que só às penitenciárias da Basílica de São Pedro era concedida a faculdade de absolver os pecados. Foi **Alexandre VI** que definitivamente fixou o complexo ceremonial de encerramento e abertura dos anos santos, que até então não tinham seguido ritos específicos. De facto, o Papa queria que o início fosse marcado por um evento de forte impacto e identificou-o na abertura da Porta Santa. Uma explícita recordação das palavras do Evangelho segundo João: "Eu sou a porta. Quem passar por mim será salvo."

Finalmente, estabeleceu também que nas outras três Basílicas Papais se reservasse uma porta para os peregrinos dos anos santos, mantendo-a emparedada em todo o tempo restante. A abertura da Porta Santa de São Pedro era reservada ao Pontífice, a das outras três Basílicas aos seus Legados. As Portas Santas deveriam permanecer abertas noite e dia, guardadas por quatro clérigos por turnos.



1475: proclamado por Paulo II, presidido por Sisto IV

A 19 de abril de 1470, com a bula *Ineffabilis Providentia*, mencionando expressamente a visita das basílicas de São Pedro, São Paulo, São João de Latrão e Santa Maria Maior, estabeleceu que a partir de 1475, os jubileus eram celebrados a cada 25 anos, segundo o querer do **Papa Paulo II**.



Com a bula de 29 de agosto de 1473 *Quemadmodum operosi*, **Sisto IV** confirmou a proclamação do Jubileu feita anteriormente por **Paulo II**, que tinha morrido naquele intervalo de tempo.



1450: Nicolau V

Nicolau V proclamou o ano santo seguinte para 1450, com a bula *Immensa et innumerabilia*, datada de 19 de janeiro de 1449, recolocando o intervalo dos Jubileus para 50 anos. Também graças à canonização do Papa do grande pregador franciscano Bernardino de Sena, a afluência de peregrinos em Roma foi muito alta.



1390: proclamado por Urbano VI, presidido por Bonifácio IX

A 8 de abril de 1389, a bula *Salvatou noster Unigenitus* de **Urbano VI** estabeleceu que a celebração do Jubileu deveria ocorrer a cada 33 anos, trazendo assim as celebrações para 1390 quando, em vez disso, deveria ter caído em 1400. Infelizmente, o cisma que ocorreu em 1390, com o antipapa **Clemente VII** refugiado em Avinhão, afetou muito o número de peregrinos que se reuniram em Roma, uma vez que os peregrinos franceses, espanhóis, catalães, escoceses, italianos do sul e todos aqueles que seguiam o antipapa estavam proibidos de acorrer aos túmulos dos Apóstolos.



1350: Clemente VI

Com a bula *Unigenitus Dei Filius*, em 1343, **Clemente VI**, depois de receber uma delegação de romanos que lhe pedia para fazer regressar a sede apostólica à Urbe e proclamar um Jubileu antes dos 100 anos, proclamou o Ano Santo para 1350. Apesar do flagelo da peste e de um terremoto desastroso que atingiu Roma em 1349, mais de um milhão e meio de peregrinos entraram na cidade para as celebrações. Isto graças à intercessão do Papa, que tinha conseguido obter uma trégua na guerra entre França e Inglaterra, para tornar a viagem dos peregrinos mais segura.



1300: Bonifácio VIII

Com a bula *Antiquorum habet*, a 22 de fevereiro de 1300, **Bonifácio VIII** proclamou o Ano Jubilar de 1300, enfatizando que os romanos que visitassem as basílicas de São Pedro e São Paulo trinta vezes durante um ano receberiam uma indulgência plenária, enquanto que para os peregrinos que vinham de fora de Roma eram suficientes quinze visitas.

Pelo menos dois milhões de fiéis chegaram a Roma naquele ano. Giotto, que na época foi contratado para realizar os frescos a *loggia* das bênçãos no Vaticano, é um dos personagens de relevo que participaram no Jubileu com o mestre Cimabue. Na Basílica de São João de Latrão conserva-se o antigo fresco de Giotto que recorda precisamente este evento.

Finalmente, entre as pessoas que visitaram a Roma naquele mesmo ano, também estava provavelmente o grande poeta Dante Alighieri que em alguns cantos da Divina Comédia faz referência ao Jubileu.